



## NOÇÕES DE FILOSOFIA CLÍNICA

*Lúcio Packer*

### Parte I

Uma menina passou pelas páginas de Goethe. Ela caminhava para o sol (o sol dela, com borboletas e passarinhos, pois o sol dela era assim); ela se envolveu com pessoas e situações que prometiam promover sua caminhada para o sol. Mas este aceno existencial era um engodo, não proposital, pois nem mesmo quem acenava para ela sabia que distraía a menina de sua jornada rumo aos passarinhos. O brilho, a retórica, os sons que emanavam pareciam celestiais, mas eram dos abismos. Sedução e aspectos sociais eram alguns dos elementos responsáveis por tais enganos.

Mas então a menina das páginas de Goethe, distraída de seu caminho, afastada dele, ao tomar contato com aqueles contextos e pessoas que lhe acenaram, fez uma importante descoberta. Aqueles que lhe causavam dor, medos, aborrecimentos não eram menos desenvolvidos existencialmente como ela pensava (e pensava isso pela dor que eles causavam a ela). Ela descobriu que ela era o elemento retrógrado, atrasado, medieval, não as pessoas que estavam no abismo! Soube disso quando olhou para cima, viu as pessoas do abismo acima dela. Ora, mas onde então estaria a menina? Estava ainda abaixo, mais baixo; precisaria ainda caminhar muito para chegar ao abismo e para poder sonhar com seu sol. O sol estava mais perto do abismo do que dela. Aqueles que acenam à menina, que estavam presumidamente mais desenvolvidos causavam dor a ela?! Como isso é possível? Uma das formas é quando orientavam a menina a ser participativa e não competitiva, a ser afetuosa e não possessiva, a ser piedosa e não rancorosa; isso lhe originava dor.

Quem define o que é saudável e o que é doentio é saudável o bastante para fazer tal distinção? E se quem define estas coisas está seriamente enfermo a ponto de promulgar quem é saudável ou doente a partir de seus delírios de sabedoria? A própria definição que coloca saudáveis e doentes distantes uns dos outros, que premia e castiga com fogueiras, ora uns e ora outros, não é sintomática? Será que todas as coisas cabem nos crivos de normalidade ou patologia? Não teríamos aspectos existenciais que fogem a estas nomenclaturas não sendo normais ou patológicos? Um estômago, uma medula, um coração, um cérebro, pensamentos podem fugir a tais conceitos?



Quem define o que é saudável e doentio é saudável? Por que é saudável? O que pretende ao fazer isso? O que consegue quando convence outros da existência de normalidades e patologias? A quem interessa que se mantenha esta concepção das coisas ligando corpo, alma, existência?

A busca do equilíbrio, harmonia, serenidade, uma das possíveis formas mais politicamente corretas da atualidade de promover a doença em nome de estar saudável, da saúde. Há terapia, terapeutas, postulados atuais que aboliram de seus vocabulários os termos normalidade e patologia, doença e cura, pregando a harmonia, o equilíbrio como caminho. Um erro, do ponto de vista da Filosofia Clínica. Explico: muitos nada possuem em afinidades existenciais com harmonia e equilíbrio, suas constituições existenciais são belicosas, desequilibradas (se usarmos as métricas de mensuração social) e seus caminhos de desenvolvimento e promoção existencial caminham por labaredas e abismos; tornar coercitivamente por argumentos politicamente corretos estas alma acalentadas e acalmadas para trilhar caminhos do equilíbrio e harmonia pode ser corromper a natureza delas, pode ser joga-las em uma desgraça sem esperança, coisa que talvez não teriam em suas jornadas de desequilíbrios, uma vez que de desequilíbrios são feitas e habitadas.

Paz, amor, harmonia, serenidade, equilíbrio, não são recomendações de “saúde” para todos, não constituem a “saúde” para todos. Se cada pessoa tem um modo de ser, um funcionamento próprio e único, como a paz, a harmonia, o equilíbrio poderiam servir de métrica de recomendação geral? Qual o fundamento epistemológico de algo assim? Para alguns, harmonia e equilíbrio são a doença da chatice, da monotonia, uma enfermidade que vão tratar com sexo, bebida e agitação ou com outras coisas. Por que estariam estes errados e os primeiros estariam certos?

## Parte II

Quando pergunto em uma conferência sobre quem escreveu a história de vida da pessoa, a maioria dos presentes imediatamente responde que é a própria pessoa. Um engano característico em nossos dias. O fato de sentir o que vive, de estar inserido em um contexto, isso não atesta à pessoa a autoria do que vive. Às vezes, e são muitas, uma avó, uma ideologia religiosa, uma cultura, os aspectos sociais são os principais autores da trajetória de vida da pessoa. Existem maneiras de sabermos o quanto somos autores de nossas histórias de vida?



Para algumas pessoas, saber se escreveram ou não suas historicidades são por si somente condição de melhorias e desenvolvimentos. Passam a questionar a trajetória que o autor de suas vidas colocou a elas. Algumas mulheres, por exemplo, são maltratadas por maridos e sociedades e acham que isso é perfeitamente natural, até que um dia passam a questionar quem disse ou escreveu que tal maltratar é natural. Mas a pesquisa do tema exige cuidado e atenção em clínica, entre outras coisas para não incorrerem no que Woody Allen escreveu: "Fiz um curso de leitura dinâmica e li Guerra e Paz em vinte minutos. Tem a ver com a Rússia."

Qual o problema de outra pessoa, ideologia, cultura, situação escrever a nossa trajetória de vida? Podem ter escrito com amor e cuidados, e de forma mais condizente conosco, algo que nós talvez não pudéssemos fazer (em muitos casos). Qual o problema da autoria, em alguns casos, não nos pertencer? Autonomia, vaidade, necessidade de controle, intimidade, outro fator? Justificativas defensáveis nos lados que compõem esta questão.

Somos escritores existenciais afinados com a nossa própria existência? Se somos autores de nossas vidas, escrevemos o que tem a ver de fato conosco? Parece que muitos sabem viver, navegar, desde que outros escrevam as rotas de navegação; quando se põem a escrever existencialmente suas vidas, alguns acabam arruinando o que usufruíam como navegadores. Viver horizontes pode ser muito diferente em relação a construir horizontes e estrelas. Uma questão que surge é aos poucos identificar, se possível, qual a posição existencial mais indicada.

Ser um dos principais autores da própria vida dificilmente implica em ter o controle sobre ela. Alguns escrevem a própria vida, mas esquecem ou não conseguem participar dela. Acham o enredo enfadonho, não se localizam no ritmo e na natureza das ações, perdem o interesse etc.

Nossa trajetória de vida constitui um rico testemunho de como foi edificado, construído, imbuído de vida, o ser que somos. Aprender sobre isso pode ser um dos mais importantes elementos de desenvolvimento existencial.

### Parte III

Há alguns anos, estava com um grupo de alunos na Grécia, no Oráculo de Delfos, e falava a eles sobre o funcionamento, a história, a filosofia do lugar. Era uma jornada de estudos ao exterior, e 37 filósofos clínicos participavam da expedição. Conversamos na ocasião sobre a possibilidade dos oráculos em nossos dias. Há vários deles.



Quando você faz uma pergunta ela imediatamente passa a fazer parte da resposta, em grande parte dos casos. Exemplo: se perguntar pelos céus, sua resposta provavelmente terá sol, chuva, nuvens, pássaros, horizontes. O que, como, quando perguntar – isso já constitui os elementos básicos do responder. A resposta é vizinha de porta da pergunta. Fatores alienantes, libertadores, complementares e outros habitam nisso.

Vergílio Ferreira ilustra uma das variáveis disso, e evidencia os riscos embutidos, quando escreveu: “Quando se faz uma pergunta dissemos já que nos interessamos por uma determinada questão, limitamos já o campo da resposta. Se eu te perguntar, dizes tu, “está frio? ”, e nada se poderá dizer senão referente ao frio. Não se poderá responder por exemplo que a arte é bela ou que a Terra é redonda. É por isso que é suspeito para um ateu que se pergunte se Deus existe; como seria ofensivo perguntar-se a alguém se a mulher o atraiçoa... Mesmo que a resposta dissesse “não”, a pergunta, só por si, já de algum modo tinha dito “sim”.

Bem, se a resposta é uma parte da pergunta, a parte que usualmente é indicada como o elemento que oferecerá a solução, o caminho, a explicação, às vezes a resposta pode ser tão necessária, tão essencial, que acabe por criar a pergunta. A resposta pode estar pronta, completa, aguardando apenas algo que a faça surgir: a pergunta. Ou seja, muitas vezes, cuidado com as respostas, pois elas podem fazer nascer as perguntas. Exemplo: uma pessoa com o coração aquecido pelo amor, com a necessidade de partilhar e doar, pode criar perguntas que tenham o amor como resposta, tal qual “como podemos melhorar o mundo pelo amor?”.

Já considerou que as perguntas podem ser elementos menores, a serviço de respostas essenciais, respostas que precisam delas apenas como útero para a aparição? Mas, neste caso, porque as respostas não nasceriam como perguntas, porque não podem ter luz própria suficiente para que se criem em suas próprias identidades? Esta questão é legítima, tanto quanto é sofismática. Inventar alguém que crie a bola para podermos jogar não nos torna menor, menos, coadjuvantes. Além disso, muitos argumentos que funcionam como resposta não possuem a mesma sorte quando lançados como perguntas. Exemplo: uma manifestação de paz pode ganhar as cores e intensidades maiores se forem, às vezes, a resposta ao barulho da coerção e da violência.

A resposta algumas vezes deixa suas cercanias e se espraia em direções onde costuma assumir outras proposições. É assim que respostas se tornam perguntas, se



tornam confusas, se tornam silêncio, se tornam cópias de si mesmas. Exemplo: - Você vai ao teatro hoje à noite novamente?

- Por que não ir?

Ou você pergunta a alguém sobre um assunto e a pessoa silencia. Qual a resposta desta pessoa a você? O silêncio foi a resposta? Ela não entendeu e não respondeu? Ela não ouviu, fala outro idioma, não quis responder? Você já sabia parte da resposta e perguntou apenas para ter a parte que faltava? O que houve?

Um dos problemas concretos pode ser a pressuposição da existência de uma resposta. Mas pode não existir uma resposta? Exemplo: você pergunta a uma pessoa sobre a conclusão de algo que está em andamento ainda, e cuja conclusão inexistente, pois se trata de algo que é contínuo, se refaz. A própria pessoa pode não saber disso e ficar problematizada por não ter uma resposta. “O que você pensa afinal da vida? O que levou seu casamento ao final? Qual a sua opinião sobre a morte?” – podem ser ilustrações.

Algumas pessoas lidam com dificuldade com isso. Precisam de respostas para as coisas. Funcionam com base em questões e encaminhamentos, fatores “gangorra”. Chegam a inventar respostas quando não as encontram pelo caminho. Leia o que segue em Clarice Lispector: “Mas de vez em quando vinha a inquietação insuportável: queria entender o bastante para pelo menos ter mais consciência daquilo que ela não entendia. Embora no fundo não quisesse compreender. Sabia que aquilo era impossível e todas as vezes que pensara que se compreendia era por ter compreendido errado. Compreender era sempre um erro - preferia a largueza tão ampla e livre e sem erros que era não-entender. Era ruim, mas pelo menos se sabia que se estava em plena condição humana”.

Por fim, vamos a alguns exemplos da força das respostas em nossos dias.

Primeiro, como geralmente a resposta ocupa a parte final daquilo que é iniciado como pergunta, muitas vezes ela parece a conclusão sobre o assunto, parece a palavra final. Trata-se muito mais de uma impressão do que de uma realidade propriamente, pois as coisas iniciam, na maior parte dos casos, antes das perguntas e costumam terminar bem depois das respostas.

Outro exemplo: ao intitular algo como resposta, imediatamente nós a noivamos com alguma coisa que deve se apresentar como motivador de tal resposta. Podemos usar como ilustração o que acontece na área da “saúde”, se a depressão for tomada como uma resposta a elementos dos nossos dias. Imediatamente, os profissionais da saúde buscarão e perguntarão sobre quais são tais elementos?



Este recurso pode ser utilizado quando não se pode nomear diretamente as questões, como evidenciam várias das músicas de Chico Buarque de Hollanda durante a ditadura militar no Brasil.

Terceiro exemplo, entre muitos, sobre a força da resposta em nossos dias: o aparecimento dela como verdade sobre um fato, um evento. A pessoa diz que vai “dar uma resposta sobre tal assunto”, e isso parece que a ela pertence a veracidade do tema. Eis um dos motivos pelos quais há pessoas que necessitam urgentemente ter a palavra final sobre determinada questão e se enredam em discussões intermináveis.

Você imagina que em algum tempo as perguntas e as respostas estarão em extinção? Que este expediente de linguagem será pouquíssimo usado? Considerando a caminhada da humanidade, o que poderia vir depois? O que existe de mais avançado em comunicação que mostre evolução neste segmento?

Aqui na Inglaterra estou lendo *The Spinning Heart*, do escritor irlandês Donal Ryan. Um livro sobre como pessoas do... meio rural irlandês lidaram com os tempos difíceis de uma economia temperamental. De modo singelo, apologético, o texto mostra como se torna complexo erguer vãos para o transcendente, para a intuição, para as emoções mais depuradas usando asas de ferro e os motores precários das perguntas e respostas, que são as partes mais avançadas de nossa Filosofia medieval de 2013.

#### Parte IV

Conceitos sobre fronteiras caíram em alguns países; diferenças entre moedas tombaram; referências religiosas se diluíram em ecletismos em diversos lugares. Em muitas áreas a individualidade cede espaços, lugares, para plurais, coletividades, universais. O que acha que acontece, quanto a isso, sobre a instituição histórica e existencial que nos habituamos a chamar de “eu”? Você está jantando com seus filhos e observa como o caçula segura a colher, pouco maior que a mãozinha dele; repara como a menina conta sobre o dia na escola; olha sua esposa trocando um prato e sorrindo. Você se dissolveu em sua família e tornou-se um “nós” em tais momentos? Em quantos outros eventos diários isso também já ocorre?

Onde começa, onde termina, quais os limites do “eu”? Você tem certeza de que as lágrimas que correm no rosto de sua esposa são realmente dela? Está convicto de que a alegria no rosto de seu irmão é realmente dele? Quais os instrumentos e os critérios que fazem você entender assim?



O futuro sinaliza fortemente com o “nós”, mais profundo e dinâmico, e um “eu” periférico. Mas os sistemas de relação e passagem trarão provavelmente surpresas. O “nós” tomará o lugar, a vez, do “eu”? Eles trocarão elementos e comporão um novo princípio de identidade? Ambos serão outra coisa?

## Parte V

O que acontece nas relações entre neurônios, no modo como cada um interage com outro e com muitos outros? Podemos imaginar que se associam, que lutam por espaço e energia, que formam grupos que travarão animosidades, ambivalências, lutas com outros grupos? Há neurônios que armam competições, renúncias, que atacam e exterminam neurônios isolados? Uma resposta plausível a partir da Filosofia Clínica é que sim, isso também acontece. Mas muito provavelmente esta é uma parte entre os eventos, não a principal. Caso a investigação se aprofunde, temos alguns elementos surpreendentes que chamam e instigam a atenção. O que podemos conjecturar a respeito de neurônios que aparentemente promovem o suicídio? Ou de grupos de neurônios que promovem a associação pacífica entre redes neuronais? Haveria talvez uma política democrata de relações neuronais?

Uma opinião sobre o assunto, e a coloco a partir de questões ligadas à Filosofia Clínica, pode trazer aspectos curiosos para esta conversação. Particularmente, penso que em breve chegaremos a algumas considerações vertiginosas, se atendermos somente à linguagem corrente sobre o tema; há órgãos, tecidos, ossos, células que podem mudar comportamento e função conforme as experiências em andamento. Podem alterar a política existencial e o modo de ser no mundo, e, neste caso, no corpo humano, também.

Em grandes partes da ciência, o que ocorre no corpo segue um padrão pragmático, faz o estudo parecer a procura de leis, regras que muitas vezes somente existem porque o pesquisador busca que existam.

É por isso que neurônios não podem ter vida estética, vegetativa, não podem estar de graça nos entroncamentos do organismo. Muitos pesquisadores do assunto precisam que os neurônios se associem, que trabalhem, que compitam, que sejam determinados em seus exércitos. Não é cientificamente provável que neurônios possam ser às vezes incompreensíveis, que tenham comportamento anômalo para os caminhos neuronais, que vivam sem um programa que lhes sirva de roteiro. Afinal, são neurônios desde que começamos a estudá-los; não fica cientificamente bem descobriremos ou inventarmos agora que são outra coisa. Não fica bem nem mesmo para eles.





Em Filosofia Clínica estudamos a historicidade de cada pessoa que atendemos. Algumas historicidades trazem intrigantes variáveis na relação do corpo com ele mesmo, do corpo com outros aspectos tidos como não somáticos, e há substanciais e interessantes amálgamas de pontos que não são corpo, não são mente, não são mais a combinação e deles, às vezes, apenas podemos acusar a presença; isso, em diversos casos, é muito. E é dentro desta perspectiva que apontar um comportamento, uma política existencial, um modo de ser para um neurônio, para uma rede de neurônios, é algo dilemático e exigente nos critérios de pesquisa. Pois provavelmente as pesquisas apontarão para a presença de neurônios neuróticos (usando o jargão usual); de neurônios que não são neurônios, com comportamento de órgãos; de neurônios mesclados etc.

Sabemos algumas coisas, a partir de como pesquisamos, sobre o que fazem, onde estão, como vivem os neurônios. Este saber é um depoimento sobre nossas pesquisas, sobre nossa época, sobre o modo como compreendemos. Os neurônios se tornaram o que são como parte dos nossos pareceres e desejos sobre eles. Será que realmente serão somente assim?

## Parte VI

Em uma palestra que realizei na Faculdade de Goiatuba, em Goiás, para professores e alunos de Enfermagem, tratamos de alguns aspectos sobre o corpo, tal qual o entendemos pelas dimensões médicas; cabeça, tronco, membros.

O corpo, em seus ritmos, desejos, necessidades, propensões, e uma série de elementos, pode estar ligado preponderantemente à sociedade dos homens. Neste caso, pode ter como espelho o que esta sociedade lhe diz para ser e estar. Alguns corpos aprenderam as regras sociais e coerentemente mostram o que a sociedade quer que mostre. O corpo pede, adoce, envelhece e morre muitas vezes programado por um relógio social ao qual segue com a sabedoria da obediência. Em tais casos, desentendimentos entre o que o corpo vive e as emoções, as buscas, os valores da pessoa costumam ocorrer.

Mas há corpos cujos vínculos profundos dizem respeito aos pensamentos, muito mais do que elementos sociais que lhes possam afetar. As coincidências podem ocorrer quando, por exemplo, o pensamento é paralelo à sociedade. Há pessoas que quando pensam elementos agradáveis a elas o corpo imediatamente acusa um bem estar similar.

Além de sociedade e de pensamentos, quando no consultório me deparo com questões que têm como orientação e base o corpo, é frequente chegar a outras relações.





Há corpos cujas interseções determinantes ocorrem com as emoções, com as aprendizagens, com espiritualidade e assim por diante.

De templo a lata de lixo, de servo a senhor, de mesclas indistintas a exatidões cartoriais, o corpo pode tornar-se desde celestial até rochoso. E nestas variâncias é oportuno que consideremos as propriedades rochosas dos elementos celestiais.

Se vamos trabalhar em áreas como medicina, enfermagem fisioterapia, e outras, imagino que pode ser de grande relevância estudarmos estes aspectos. Para muitas pessoas o corpo é um elemento importante. Pesquisar o que ele é na pessoa, suas funções, relações, existência pode nos auxiliar a descobrir maneiras de tratar, de lidar, de viver com e no corpo.

O corpo fala? Em algumas ocasiões ele nem sequer sabe o que se passa, em algumas ocasiões ele discute, foge, briga, contesta, aceita; em algumas, não existe. Mesmo quando fala, ele pode estar enganado, pode interpretar erroneamente um dado. E há casos curiosamente peculiares, como quando o corpo se comporta como alma ou se transforma em outra coisa que não é corpo.